

Empresários: semestre será difícil

Os empresários Jorge Gerdau, Edgard Arp e José Mindlin, além do economista Julian Chacel e do secretário de Planejamento de São Paulo, Rubem Vaz da Costa, foram unânimes em prever para o País um segundo semestre "extremamente difícil", mesmo com os primeiros sinais de sucesso da política de combate à inflação. Todos defenderam a continuidade do processo de abertura política.

Os empresários concordaram que o sacrifício que o Governo vem fazendo no combate à inflação não tem sido proporcional ao esforço exigido do empresariado e do operariado. No entender de Jorge Gerdau, o setor financeiro está sendo o maior beneficiado da crise, mas os benefícios são temporários, em face da conjuntura. "É preciso que os juros sejam elevados para que se combatá a inflação".

Edgard Arp, por sua vez, ressaltou que as altas taxas de juros poderão inviabilizar, no futuro, as empresas que mais necessitam de crédito. Disse que o setor têxtil vem apresentando uma ligeira tendência à recuperação.

O empresário paulista José Mindlin afirmou ser preocupante a previsão do Governo quanto aos três anos de dificuldades, uma vez que poucas empresas conseguirão chegar até lá. Defendeu, para o reaquecimento econômico, o estímulo à exportação, embora admitindo que, até o momento, o empresariado não recebeu praticamente nenhum dos incentivos recentemente anunciados.

O ex-ministro da Fazenda Karlos Richbieter afirmou ontem que, em sua opinião, "a crise econômica do País não chegou ao fundo do poço". Como medidas "urgentes" que, a médio e longo prazos auxiliariam a recuperação, apontou a descentralização das decisões e de recursos, a manutenção da abertura política e uma maior atenção para os problemas sociais, sobretudo o do desemprego crescente.

A permanência da abertura política, no seu entender, é fator imprescindível para garantir a sobrevivência da abertura econômica, "e vice-versa". Para o ex-ministro, "se houvesse hoje um retrocesso político seria o mesmo que tentar fe-

char uma panela de pressão efervescente: haveria uma grande explosão".

Em entrevista após a reunião-almoço na Confederação Nacional da Indústria (CNI), Richbieter disse que a opção feita pelo Governo, de combate à inflação com receita monetarista, "pode dar resultado, mas pode também matar os clientes". Reforçou a urgência de uma política de estímulo aos setores que são grandes empregadores de mão-de-obra, entre eles construção civil, obras públicas — no Nordeste e interior do País — e têxtil, mas complementou:

— Os resultados só começarão a ser obtidos a médio prazo, porque as dificuldades atingem a quase todos os setores. O que adianta, hoje, construir casas se não existem compradores?

O ex-ministro lembrou que, há alguns anos, já havia sido claro quando afirmou que o problema das contas externas chegaria a um impasse no qual haveria necessidade de "apertar os cintos". No entanto — acrescentou —, esse "aperto" tem um limite a partir do qual se torna insuportável. E, até agora, não há previsão de até onde a crise pode chegar.